

OK

Inteiro

MANCINI FILHO, Fioravante. Hermelindo Fiaminghi. São Paulo, **Consulte Arte & Decoração**, (23): 30-33, 2000.

Hermelindo Fiaminghi é pintor. Nasceu e vive na cidade de São Paulo, onde mora há quarenta anos, em um aconchegante sobrado no estilo dos anos cinquenta, projetado por ele.

Faz parte da segunda geração de artistas construtivos, última das vanguardas internacionais que ousou pensar e construir seus sonhos bons neste século que se acaba. Continua a realizar uma obra em sua vida, contribuição generosa de beleza e alegria à vida feia e triste.

A pintura de Fiaminghi é a presentificação de si mesma, nos apresenta o fenômeno artesanal de sua própria plasmação. Ela vive mesmo. Completará oitenta anos de vida em outubro de 2000, que serão comemorados com a abertura de mostra antológica de sua obra no Museu de Arte Moderna – Ibirapuera, São Paulo e continuo “up to date”, ele nos diz.

Entrevista Ilustrada

Fiaminghi: Que dia é hoje?

Consulte: Dia 25 de maio de 2000.

Consulte: O senhor poderia nos contar como a sua história na arte começou?

Fiaminghi: Eu comecei, em 1935, com quinze anos, como aprendiz de litógrafo na Editora Melhoramentos. Foi uma coisa interessante, porque a Melhoramentos tinha uma enorme janela que dava para o campo de futebol do Santa Catarina, na Água Branca, onde eu jogava. Eu parava de jogar futebol e ia espiar os caras desenharem. Eu via ali uma grande profissão de respeito. Todos litógrafos eram muito respeitados, todos eram alemães cervejeiros, muito respeitados. Eu é quem servia a cerveja para eles no armazém. Eram litógrafos do tempo da pedra. Tudo era desenhado sobre pedra diretamente, tudo no olho, cada pedra desenhada era entintada com uma cor para a impressão no papel. Os primeiros cartazes de rua, os outdoors, eu fiz litograficamente à mão, com crayon litográfico. Eu os guardei, tenho os cartazes inteiros, completos tem seis folhas, com texto, ilustração, impressos numa máquina Krauser, alemã.

Consulte: O seu trabalho em litografia contribuiu de alguma forma para a pintura?

Fiaminghi: Eu acho que fui o primeiro a usar a retícula gráfica na arte séria, a partir de 1959, antes de Roy Lichtenstein da Pop-Art, em trabalhos mostrados nas Bienais de São Paulo no início dos anos sessenta. A litografia foi uma coisa para mim, que não impediu para que eu fosse pintor, mas contribuiu. Porque, na litografia você desenha em preto e branco pensando na cor, no que vai ser da cor, mas você não vê a cor.

A arte concreta me levou a construir uma teoria para a cor, e a minha pintura hoje, progride na sobreposição das cores, a mesma coisa que eu fazia em litografia. Eu não tenho um procedimento pré-fixado, é assim, é assim e acabou, não tem isso. A liberdade que eu me imponho é que é assim, entende?!

Consulte: Quem foi seu mestre em pintura?

Fiaminghi: Foi Waldemar da Costa, que era professor de História da Arte Pintura no Liceu de Artes e Ofícios, onde estudei no final dos anos trinta. Ele foi mestre também de Lothar Charoux, de Milton da Costa, que considero os mais importantes, e de vários outros pintores.

Consulte: Qual é a particularidade do grupo de artistas do Concretismo de São Paulo?

Fiaminghi: Nós tínhamos uma atitude para a arte brasileira sui generis, não existia idealismo artístico no nosso grupo. O que existia era a obra realizada, e o futuro das artes plásticas. Nós criávamos o futuro das artes plásticas, Sacilotto, Waldemar Cordeiro, Charoux, o Wollner, Maurício Nogueira Lima, eu Fiaminghi. Nós fizemos a nossa História. A História é contínua e existe, ela é feita, ela influi. Ninguém pode contar esta história, sem citar a história do Concretismo.

Consulte: Como os artistas se reuniram para constituir o grupo dos Concretos?

Fiaminghi: Na década de 50, o Grupo Concreto funcionava nos porões do prédio do Instituto de Arquitetos, que os cederam para os artistas se reunirem para discutir, mas cada um trabalhava em seu atelier. O que nós desejávamos era realizar uma obra que nos representasse muito bem e, naturalmente, participar do movimento. A História não sai de graça.

Consulte: A arte concreta que esse grupo produziu tem qual origem?

Fiaminghi: O Concretismo começa na Holanda com Mondrian e um amigo seu, pintor, também holandês, Theo Van Doesburg, que utilizou o termo arte concreta pela primeira vez. Assim, criou o Concretismo no final dos anos vinte.

Consulte: Fale sobre o seu rompimento com o grupo Concreto. Houve rebeldia de sua parte neste fato?

Fiaminghi: Eu não rompi com o grupo, apenas me desliguei. Eu não sou rebelde, eu me considero não amarrado a uma coisa, eu não estou amarrado à pintura ou a um certo tipo de pintura. Eu não sou irreverente. É que eu respondo à altura das contingências.

Quando eu estava na fase concreta, o que eu procurava era fugir de uma temática que se pudesse fazer uma estória em cima dela. Eu eliminei a estória com a pintura concreta. A estória é ela mesma, ela própria, a pintura, ela está lá, está viva.

O quadro perpetua aquilo que sua cabeça pensou. Eu não faço quadros, eu penso o quadro. Mondrian falou isso, e não é à toa que ele é construtivo. Quem pensa quadros pinta uma mulher. Se ele pensa mulher ele pinta mulher, não é verdade?! Então, quem pensa quadros, acaba compondo com a própria cor, uma temática existente nele mesmo, que está no quadro.

Consulte: Qual foi a importância que Alfredo Volpi teve na sua obra?

Fiaminghi: A relação que tive com Volpi confirmou a corluz em mim. Jogando xadrez e conversando com ele, percebi com ele o que tinha na minha pintura. O relacionamento com Volpi foi uma escola para mim, a técnica da têmpera eu aprendi com ele.

Consulte: Explique a corluz?

Fiaminghi: Existe na corluz a luz que você não conhece, que é resultado da combinação de cores, uma ao lado da outra, uma sobre a outra. Sugiro Monet, que foi um dos pintores modernos que produziu em seus quadros a corluz. Ele pintou vinte e sete quadros de um mesmo tema, a fachada da catedral de Rouen, onde as imagens mudam conforme a hora do dia em que foram pintadas. Nas primeiras pinturas que fiz em Eldorado, pude observar no reflexo da luz das folhas na água, a transparência e a vibração das cores. Eu componho azuis misturando pigmentos de azuis diferentes para conseguir o meu azul.

Consulte: As pessoas demonstram emoção ao contemplarem uma obra sua?

Fiaminghi: A emoção é de quem vê. Eu também sou espectador, eu também vejo, vejo a relação das cores e também sinto essa emoção. Eu não sei se é beleza que provoca essa alegria, ou se é a alegria que provoca a beleza.

Consulte: Onde o público interessado poderia encontrar obras suas em exibição?

Fiaminghi: Existem obras minhas que fazem parte do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, do Museu de Arte Moderna, no MAM do Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea, MAM de Paris, onde eu tenho um quadro ao lado de um quadro do

Fizemos

nos ajudamos
opulência de estes
histórias.

Movimento
que
quedas

o tempo
construtivo
(curator)

g. w. m. / 1970

Max Bill, na Alemanha e no Japão. Também na Galeria Nara Roesler na Av. Europa, 655 e no Escritório de Arte de Silvio Nery da Fonseca, na R. Oscar Freire, 164, em São Paulo, que comercializam meu trabalho.

Consulte: E como anda o mercado de arte em São Paulo?

Fiaminghi: O mercado de arte não tem lógica é uma contradição total. Não é porque participei de doze Bienais que terei melhores chances na vida. Se a obra tem aceitação fico contente, senão fico frustrado. O que me alimenta é a própria pintura.

Consulte: A arte é produto, Sr. Fiaminghi?

Fiaminghi: Não, arte não é produto.

Fiaminghi: Que horas são?

Consulte: Dezoito horas, happy-hour.

Instituto de arte contemporânea